

FCPF MAGAZINE #109



LIGA PORTUGAL MEU SUPER - J11 - 10 NOV 2024 - 11:00

EDITORIAL POR PAULO GONÇALVES

O bom momento que o Paços atravessava na Liga Portugal 2 foi interrompido na última jornada por aquela que foi a derrota mais injusta da época. A difícil deslocação a Chaves revelou uma equipa pacense muito solidária e a controlar um jogo que esteve a vencer, soçobrando apenas num lance infeliz à entrada do período de descontos. Um desaire injusto e que doeu bastante ao grupo, pela forma como aconteceu e pelo esforço feito merecer ter sido recompensado com pontos.

Foram-se os pontos nesse jogo, mas ficou a certeza de termos uma verdadeira equipa, capaz de superar e catapultar esse momento para dar muitas alegrias aos seus adeptos. No entanto, temos de ter sempre presente as dificuldades que serão enfrentadas neste campeonato, face ao equilíbrio existente entre todas as equipas. É, por isso, de total importância haver a mesma determinação no jogo desta manhã frente ao FC Porto «B». Que ninguém se iluda com facilidades pela classificação atual da equipa portista, nem com a juventude do seu plantel. São atletas de muita qualidade e que vão exigir o máximo empenho dos Castores e uma maior eficácia ofensiva. Acreditamos que, assim sendo, os três pontos em jogo ficarão na Mata Real e a equipa prepará para uma classificação mais ajustada ao seu real valor.

A meio desta semana, a direção do Clube reuniu com os associados para lhes transmitir o ponto de situação para a criação da SAD, aprovada em junho passado. O processo não está concluído e há agora quinze dias extra para tentar juntar a vontade das partes (Clube e Consórcio de Investidores). A bem da estabilidade desportiva e económica do Clube é importante que se encontre um desfecho para este importante passo a ser dado.

O capitão Antunes foi homenageado pela autarquia de Paços de Ferreira no feriado que, a 6 de novembro, celebrou o 188º aniversário do município. Uma distinção justa para quem representou os dois mais representativos Clubes do concelho; foi internacional A por Portugal; jogou a Champions por clubes estrangeiros de nomeada e, é hoje, o jogador mais mediático do FC Paços de Ferreira.

A entrevista em destaque na edição é com o defesa direito Anilson. Chegado quase sob o anonimato na pré-época, o lateral brasileiro soube rapidamente trilhar o caminho da integração e tem sido um dos atletas mais regulares da equipa. Desinibido e com qualidades técnicas apreciáveis, o lateral direito já percebeu os parâmetros essenciais para ter sucesso na Liga. “A concentração, a consistência defensiva e saber ser letal no ataque são coisas essenciais”. É essa a receita que queremos ver hoje em campo, sempre com a ajuda de umas bancadas ativas em prol da equipa, como se viu a espaços nos dois últimos jogos caseiros com o Torreense e o Vizela, e que contribuíram para a conquista de pontos.

Força Paços!

DESTAQUES DESTA EDIÇÃO



FCPF MAGAZINE

NÚMERO 109 - Novembro 2024

Textos e Design: Sara Alves | Fotos: Telmo Mendes e Liga Portugal

Impressão: PaçoPrint | Tiragem: 1000 exemplares | Distribuição Gratuita

“Disse logo que este era o clube para onde eu queria ir”

Das ruas que respiravam futebol e eram o palco de verdadeiros Clássicos entre os miúdos da vizinhança, até à chegada a um dos maiores clubes do Brasil para iniciar a sua formação. Para Anilson, aconteceu tudo muito rápido, mas o desejo de que o futuro passasse pelo futebol e a vontade de trazer o melhor para a família eram motivos mais do que suficientes para ir atrás do seu sonho. Eis o percurso do lateral pacense até chegar à Mata Real contado pelo próprio.



ANILSON

Já se passaram alguns meses desde a tua chegada ao clube. O que é que destacas?

Têm sido meses de muita aprendizagem. Estar aqui é um sonho, até porque é a minha primeira passagem pela Europa. O que eu tento fazer ao máximo é aprender mais sobre o futebol, as dinâmicas, a cultura, e os meus companheiros também me vão ajudando com a adaptação.

Em 12 jogos realizados esta época, só não jogaste um. Nesses 11, foste sempre titular. Esperavas este arranque a nível individual?

Saí do Brasil em busca do meu sonho e vim determinado a fazer o que fosse possível para estar sempre à disposição do treinador. Vim focado em fazer o meu trabalho e conseguir um lugar. Em 12 jogos ter 11 jogados é muito bom. É um facto que no início não esperava isso, mas tenho trabalhado bastante desde a pré-época e acredito que os resultados aparecem assim. E ter a confiança do mister, do plantel, de toda a equipa técnica é sempre importante para um jogador de futebol. Dentro do clube, sinto-me com todo o apoio e com toda a confiança para fazer aquilo que sei fazer melhor.

Houve algo que tenha custado mais no início?

Entender a forma de jogar. No Brasil, o jogo é um pouco mais parado. Aqui, tens de pensar mais rápido, há mais técnica, é mais intenso. E isso fez-me alguma diferença, porque a intensidade é muito, muito alta. Mas agora sinto que estou apto e pronto para qualquer desafio.

Estar longe da família também é um desafio?

É sempre difícil. Eu saí de casa pela primeira vez com 12 anos, portanto acho que já estou um pouco calejado em relação a isso. Também já sou casado, tenho a minha esposa, então rodamos o mundo. [Risos] É mais tranquilo. Eu apoio-a e ela apoia-me. Quanto ao resto da família, a saudade aparece muitas vezes. Mas nós sabemos que isto tudo é pelo meu sonho e também pelo sonho deles, por isso vale a pena.

Ter alguém ao lado é uma grande ajuda.

Com certeza. Muitos dizem-me “Ah, és novo, tens 23 anos e já casaste”, mas casar cedo era um sonho meu, e acredito que isso me ajuda muito. O futebol suga muito de nós, e termos alguém ao nosso lado que também compra

o nosso sonho e nos ajuda a dividir esse peso é essencial. Tu não sabes como vai correr um jogo, tu não sabes como vai ser um treino, e chegar a casa e teres uma pessoa que te ajuda e te entende realmente é essencial. Essa estabilidade fora de campo traz estabilidade para dentro de campo. E quando ela tem de me puxar as orelhas, puxa. Quando mereço algum elogio, ela elogia. [Risos] Sei que tenho alguém do meu lado para tudo.

E como é que a família tem acompanhado as coisas à distância?

Têm conseguido ver os jogos, apesar da diferença horária, e estão muito felizes. Como disse, jogar na Europa, num grande clube, é um sonho que eu tinha e é também um sonho deles. Portanto, agora é usufruir. Faça cada treino como se fosse o último, porque isto é algo que eu queria muito. Treino por mim, treino por eles, e é muito gratificante.

«A cada jogo lembro-me do que passei, e hoje estou onde muitos queriam estar. É um privilégio, e só tenho de dar o máximo.»

De que forma surgiu a proposta do Paços?

Eu estava a jogar no Brasil, no Novo Hamburgo, e fui recebendo várias propostas, que fui recusando, porque queria jogar em Portugal. Para mim, era fundamental, pela língua, pela cultura – como referi. Se fosse para um país mais fechado, digamos assim, a minha adaptação ia acabar por ser mais difícil, principalmente sendo a minha primeira vez fora do Brasil. Um tempo depois, surgiu essa oportunidade do Paços e foi imediato. Este seria o clube! Já conhecia o Paços dos seus anos na Primeira Liga, então disse logo que este era o clube para onde queria ir. Vim de coração aberto para aprender e ajudar no que fosse preciso, e sinto-me muito bem. Sinto-me praticamente em casa.

Já apontaste algumas características do futebol português, mas o que é que estás a achar da Segunda Liga em concreto?

Confesso que no Brasil não acompanhava tanto

a Segunda Liga, era mais a Primeira, mas não achei que seria tão apertado. Por exemplo, neste momento, uma vitória e um empate podem colocar-te em lugar de play-off. Está a ser muito desafiante, os jogos são decididos no detalhe e muitos deles até nos descontos. Acho que este campeonato vai ser competitivo até ao último jogo e a consistência é a chave. Há que somar pontos sempre que possível, porque, no final, um ponto só pode fazer toda a diferença.

Por falar em jogos decididos no detalhe, o final do jogo com o GD Chaves acabou por ser um golpe duro.

Sim. Pelo jogo que fizemos, não merecíamos, mas, muitas das vezes, o futebol dá destas coisas. Acredito que foi um dos nossos melhores jogos da época, estivemos por cima o jogo inteiro, mas no final isso aconteceu. Para nós foi um “baque” difícil, mas não podemos apegar-nos a isso. Temos de nos apegar ao jogo que fizemos, às coisas boas que fizemos, para podermos juntar os cacos e entrar com tudo no domingo.

E mesmo na primeira parte o golo também foi sofrido na reta final. Que mensagem foi passada ao intervalo?

Quando sofremos o golo no final da primeira parte, estávamos muito bem no jogo e a mensagem passada no balneário foi no sentido de continuarmos o que estávamos a fazer, porque estávamos bem, estávamos por cima, estávamos a levar perigo ao adversário. O golo não nos destabilizou em nenhum momento e continuamos com uma mentalidade positiva, como tem sido sempre. Até que, praticamente no último lance, sofremos novamente um golo e foi mesmo um balde de água fria. Agora temos de erguer a cabeça. Fizemos muitas coisas boas e sabemos que temos muito para evoluir.

Isto vai também ao encontro do que falamos anteriormente – a tal intensidade e concentração do primeiro ao último minuto.

Já vi jogos de outras equipas em que uma delas estava a perder por 1-0 e o resultado virou para 1-2 ou 1-3 quando faltavam pouquíssimos

INTER=ESTORE



minutos para acabar. A concentração, a consistência defensiva e o saber ser letal no ataque são coisas essenciais. É que cada oportunidade perdida gera mais conforto no adversário... Por isso, quando há a oportunidade de marcarmos, temos de o fazer e temos de ser consistentes também.

Este domingo, o jogo é com o FC Porto B. Que análise fazes à partida?

Vai ser um jogo difícil, como todos. É uma equipa que também está em busca de evolução, mas o que é certo é que não devemos olhar para a tabela, porque, como disse, está tudo muito perto e com uma vitória eles podem sair lá de baixo. Temos de olhar com muita seriedade, vai ser um jogo muito difícil para nós, mas será mais para eles, pois vamos estar motivados, na nossa casa, com a nossa bancada, e os nossos adeptos vão apoiar-nos. Será um duelo muito competitivo, mas vamos fazer o máximo para sair dele com a vitória.

Vamos falar agora do teu percurso até aqui. Nascestes no estado do Maranhão, no Brasil. Como foi a infância?

A minha infância foi um pouco difícil. Venho de uma família humilde, tenho 12 irmãos, e foi um pouco difícil para os meus pais criarem-nos. Com cerca de quatro ou cinco anos, saímos do Maranhão e fomos para o estado de Minas Gerais. Lá comecei a jogar futebol, a brincar na rua, como todos os miúdos sonham, até que aos 12 anos resolvi sair de casa e ir atrás do meu sonho. Fui para o São Paulo, clube onde fiquei até aos 20. Aquela foi, basicamente, a minha segunda casa. Ali senti-me muito bem, porque comia melhor, dormia melhor, fazia o que amava, estudava... Foi muito importante. Fiz toda a minha formação, fui chamado à equipa profissional algumas vezes e aprendi imenso. Depois, passei por clubes como o Náutico, Paysandu, Novo Hamburgo, até chegar a Portugal – muito feliz e com toda esta bagagem aos 23 anos. Eu sei que, para muita gente que está do lado de fora, o mundo do futebol parece fácil. Mas eles não sabem o que tu passas, o que a tua família passa ou quem sustentas. Olham para o futebol e só veem o Neymar, o Vini Jr., as celebridades, e



acham que todos são iguais. Mas não, cada um correu atrás do seu sonho e cada um teve as suas próprias dificuldades. Para mim está a ser muito bom, e chegar a este grande clube, a uma Liga muito competitiva, e ver que estou num cenário onde muitos queriam estar, é muito importante. Claro que pelo caminho havia muitos melhores do que eu, mas fui perseverante, resiliente e tive força de vontade – e isso não dá para comprar. Quando me perguntam como consegui chegar aqui, respondo sempre que sou eu, a minha família e Deus. A cada jogo lembro-me do que passei, lembro-me que saí do nada, e hoje estou onde muitos queriam estar. É um grande privilégio e só tenho de dar o meu máximo.

Para crianças e jovens, principalmente aqueles que vivem situações parecidas com aquela que foi a tua, o futebol pode ser um escape, é onde começam os sonhos.

Sem dúvida. Tinha muitos amigos mais talentosos do que eu e que jogavam muito mais do que eu, mas que escolheram outros caminhos... E eu também poderia ter escolhido outro caminho. Tudo



FIXPAÇOS[®]
fixing forward

na vida é uma questão de escolha e decisões definem destinos. Então, tomei a decisão de escolher o futebol. O Brasil é um país com muitas oportunidades, até mesmo no futebol. Tudo depende de como vejas as coisas e eu, sim, via o futebol como um escape. Para mim foi – e, hoje, se eu não fosse jogador de futebol, não sei o que seria. [Risos] Mas a verdade é que alguns amigos escolheram o outro lado, a vida errada, e é difícil vê-los em algumas situações.

Sendo tão novos, ver os amigos a entrar por esses caminhos já é mau pela situação em si, claramente, mas é também uma luta para vocês próprios que vão tentando ir contra isso e vão tentando manter-se focados no tal sonho?

O futebol não é fácil, é difícil. As coisas que são fáceis raramente são boas. Se queres uma vida fácil, até a podes ter, mas vais ter consequências. Então escolhi o caminho mais difícil e está a valer muito a pena. Vê-los nessa situação não é fácil, mas, como disse, são escolhas.

E quando jogavas na rua, sonhavas ser como quem no futuro?

Ronaldinho, Neymar, Cafú... Eram tantos. Divertia-me muito. Jogava na rua como se fosse o último jogo da minha vida. Fazia as balizas com os chinelos. Era muito bom. Sonhava-se alto. Sonhava-se muito alto.

E jogar na rua era como jogar nos maiores estádios.

Sim, sem dúvida. [Risos] Era incrível. Juntavam-se os miúdos do bairro, faziam-se campeonatos da rua de baixo com a rua de cima. Era muito bom e era uma coisa saudável. Tenho muitas saudades.

Até que aos 12 anos decides apostar no futebol de forma mais séria e ir para o São Paulo.

Foi tudo muito rápido. Na altura, houve um teste do São Paulo em Minas Gerais. E eu estava a jogar na rua quando um amigo me me disse que ia fazer esse teste. E eu lembrome de responder “Oh, eu não tenho chuteiras, não tenho roupa, não tenho nada”. E eis que o

tio dele me comprou roupa, deu-me um par de chuteiras também, e fui com ele. Quando cheguei lá vi que era muita, muita gente. Umhas 350 ou 400 crianças. Disse logo “Meu Deus, é impossível passar!”. Mas a verdade é que desses jovens todos cheios de sonhos só passei eu e mais um. Depois fui para São Paulo, onde fiz outro teste, também passei, e fiquei.

Como é que os teus pais e irmãos lidaram com isso?

Eles nem acreditavam. Para nós era um sonho distante, praticamente impossível dada a realidade de onde saímos. Não tinha lógica, não havia como chegar a um clube como o São Paulo. Quando eu fui para São Paulo e fiz o teste, não me disseram logo que tinha passado. Só uma semana depois é que me deram a resposta, já eu tinha voltado a Minas. Estava a dormir em casa, eram umas 22h, e do nada começam a bater no portão, a fazer uma grande festa, e eu acordei meio assustado a perguntar o que tinha acontecido. Disseram-me logo “Tu passaste! Tu passaste no teste!”. Mas eu estava tão cansado e com tanto sono que me lembro de ter ficado feliz, mas de só no dia seguinte ter caído a ficha. [Risos]

«Sempre que vestir esta camisola vou dar o melhor, porque este é um clube histórico, com adeptos apaixonados.»

Apoiaram-te logo desde o início?

Sim, tanto os meus irmãos como os meus pais. Para os meus pais foi muito complicado deixarem-me ir assim tão novo. Ainda morávamos todos juntos, e eu era muito pequeno, não tinha esta altura. Era bem baixinho. Para a minha mãe foi muito difícil ver-me sair de casa, mas quando os meus pais chegaram ao São Paulo e viram que tinha uma estrutura muito boa, tinha escola particular, tinha alimentação de primeira, tinha tudo para eu poder evoluir, ficaram mais tranquilos – mas com o coração apertado, claro. Para mim foi mais fácil, porque era aquilo que eu queria. Ficava cerca de seis meses sem os ver, às vezes

até mesmo um ano, então sei que para eles foi muito difícil, mas eu estive sempre com a mentalidade de que era o meu sonho e o sonho deles, e era o que eu podia fazer para mudar a realidade da nossa família.

E começaste logo como lateral?

Quando cheguei à formação era um médio mais ofensivo. E só vim para trás. [Risos] Depois fui para médio defensivo e depois é que fui para a lateral. Tinha uns 16 anos.

No São Paulo não te chegaste a estreiar pela equipa principal.

Fui a vários jogos, mas não fiz a estreia. Treinava com eles e fiquei bastante tempo no plantel principal. Fui a jogos da Libertadores, Sul-Americana, Copa Brasil, Brasileirão, e foi muito gratificante. Foi uma experiência muito boa. Era um rapaz de 18 anos.

Serviu para começares a perceber melhor como funciona o futebol profissional?

Precisamente, foi uma experiência muito boa para o que viria a ser o meu futuro, pois estive com pessoas que já estavam ali há bastante tempo e que me passaram muita experiência. Eu fazia muita questões, tentava saber sempre um pouco mais, e hoje, com os meus 23 anos e estando um pouco mais maduro, já tenho outra visão do que é o futebol.

Alguns dos atletas com quem jogaste na formação vieram para a Europa, como o Morato, que jogou também em Portugal, no SL Benfica. Manténs contacto com alguém que também esteja por cá agora?

Sim, o Weverson, que joga no Arouca, por exemplo. É muito bom voltar a encontrar alguém anos depois, num outro país. Assim que cheguei cá, ele ligou-me e disse-me que eu me ia dar muito bem aqui, pelo meu porte físico, pelo meu jogo. Disse para me divertir e que podia contar com ele para o que precisasse. Estamos perto um do outro e marcamos até um jantar para a próxima semana. [Risos] Passamos pelas mesmas dificuldades juntos; ele está a seguir o caminho dele e eu o meu, e isso é muito gratificante.

A tua primeira experiência como sénior foi no Aimoré, da série D. Foi a primeira vez que saíste do São Paulo.

E foi muito desafiante. O São Paulo é um clube muito grande, e sair de um clube muito grande e ir para um clube de pequena dimensão, com muitas dificuldades financeiras e muitas limitações, é difícil para um atleta. Mas achei que aquilo era o melhor para mim. Naquele momento, era tudo o que eu podia fazer para poder jogar, ganhar ritmo de jogo e minutos – e foi uma das melhores decisões que tomei na vida, porque ali pude aparecer realmente para o cenário nacional do futebol. Fiz uma boa temporada, e nem cheguei a terminá-la lá, pois acabei por ir para uma equipa melhor.



O Náutico, da Série B. Como é que isso aconteceu?

No Náutico, a realidade já era outra. É uma equipa com uns adeptos maravilhosos, onde há muita cobrança também, mas cheguei, joguei, fiz várias partidas... Foi ótimo chegar e agarrar logo a oportunidade.

E na época seguinte continuaste lá.

Sim. A equipa técnica confiava muito em mim e pediram para que se estendesse o empréstimo do São Paulo.

Segue-se, posteriormente, o Paysandu.

Foi uma experiência marcante na minha vida, porque senti-me realmente importante. Se as pessoas de Portugal forem a Belém do Pará e virem a equipa do Paysandu, vão ficar maravilhados. É uma equipa com uma base de adeptos gigante, que lota os estádios. São 50 mil pessoas todos os jogos. Então, eu sentia que estava realmente no futebol de verdade.

Entrávamos em campo e os adeptos cantavam, ajudavam-nos muito. É um clube muito grande, mas, na época, estavam na Série C e o objetivo era subir à Série B. E nós conseguimos! Eu participei naquilo, eu joguei, eu senti-me muito importante naquele plantel. Foi o meu troféu no futebol profissional. Acho que poucos conhecem o Paysandu, mas se forem a Belém e virem um jogo da equipa, vão ver como é a atmosfera e o amor que têm pelo clube. É uma loucura.

Concretizada a subida, foste para o Novo Hamburgo no ano seguinte.

Foi uma opção minha. Acredito que o campeonato Paraense não é um campeonato tão visado, então escolhi jogar o campeonato Gaúcho, que considero melhor, já está mais no centro do país. Fizemos uma boa prova e joguei bastante também. No fundo, o que eu procurava sempre era ver o que o clube precisava, quais os objetivos que tinha, mas também ir em busca dos meus, que passavam por ganhar minutos e ritmo de jogo, para conquistar mais oportunidades.

Podemos dizer que têm sido anos com a casa às costas?

Com 23 anos, não vou dizer que me sinto experiente, mas sei que tenho algumas coisas que posso acrescentar, devido a tudo pelo que passei. Também tenho uma ajuda externa, pois trabalho com um coach, e isso é algo que me tem ajudado bastante. Hoje tenho outra mentalidade e outra forma de ver as coisas.

Priorizar a parte mental é fundamental.

Há dois anos que faço esse trabalho. No mundo do futebol, se não tiveres uma mentalidade vencedora, não consegues crescer. Num dia tu estás no céu, no outro estás no inferno, e saber equilibrar isso é muito bom. Se ganhas um jogo, não és o melhor, mas também não és o pior. Se perdes não és o pior, mas também não és o melhor. Saber lidar com as minhas emoções, com a autocritica e com a crítica de fora e saber filtrar quem devo e não devo ouvir é essencial para mim. Foi das melhores decisões da minha vida, mas confesso que tinha muito preconceito

com isso, porque achava sempre que eu sabia o que estava a fazer. E não sabia. Hoje colho os frutos dessa decisão, que só tem acrescentado coisas à minha vida. A cada dia descubro algo sobre mim. Trabalhar a mente também é um treino.

Ora e o que é que esta vinda para Portugal, para o Paços, te trouxe?

Trouxe-me muita alegria. Trouxe-me mais responsabilidade com tudo. E trouxe-me muito mais amor pelo futebol. Se não o amares, não consegues romper e chegar mais além. E tenho muita gratidão pelo Paços, por tudo o que está a fazer por mim. Fui muito bem acolhido estou muito feliz.

E o que é que trarias do Brasil?

Os temperos da comida. [Risos] O calor também. O verão é muito bom, mas um pouquinho de frio também. Pelo que me contaram, o frio é muito frio, por isso acredito que vou sofrer um pouco, mas são os desafios da vida e vai ser uma experiência muito boa.

Uma mensagem para os adeptos.

Obrigada pelo acolhimento. Cheguei aqui como um jogador que não era tão reconhecido e fui abraçado, vejo que confiam em mim e estão sempre a apoiar. Posso garantir que vou sempre dar o meu o máximo, seja nos 90, 100 ou 120 minutos. Sempre que vestir esta camisola vou dar o melhor, porque este é um clube histórico, com adeptos apaixonados, e podem ter a certeza de que vamos fazer tudo para lhes trazer muitas felicidades.



FUTSAL ✖ FCPF

CAMPEONATO NACIONAL

III DIVISÃO FUTSAL - FASE REGULAR | SÉRIE A - JORNADA 6

**FC PAÇOS DE FERREIRA
DREAMCOUCH FUTSAL**

VS

UALPAÇOS FUTSAL CLUBE

23 de novembro | 20h00

**Pavilhão Municipal de
Paços de Ferreira**

#defendeoamarelo

TETAGUARDA

dreamcouch

CLASSIRIBALTA

AlarSAT

martins

STARMED





FC PAÇOS DE FERREIRA

FC PORTO B

CONHECE O ADVERSÁRIO DE HOJE



FUTEBOL CLUBE DO PORTO B
FUNDADO A 28 DE SETEMBRO DE 1893

A temporada 2012/2013 marcou o regresso da equipa B do Futebol Clube do Porto – que, juntamente com outras cinco (SL Benfica B, Sporting CP B, SC Braga B, CS Marítimo B e Vitória SC B), passou a integrar diretamente a Segunda Liga, aumentando de 16 para 22 as equipas em competição. A primeira equipa B dos Dragões surgiu na época 1999/2000 e acabou por ser extinta após o final da temporada desportiva de 2005/2006.

Das seis equipas B que foram, como mencionado, introduzidas no segundo escalão do futebol português em 2012/2013, só a do FC Porto se sagrou campeã da prova, até hoje. O feito aconteceu na época 2015/2016, tendo os «azuis e brancos» garantido o primeiro lugar com cinco pontos de vantagem face ao segundo classificado – na altura, o GD Chaves. Já em 2013/2014 os Dragões tinham “ameaçado” a conquista do troféu, mas terminaram na segunda posição, a dois pontos do então líder Moreirense FC.



Estádio Luís Filipe Menezes
Vila Nova de Gaia
2000 lugares

ESTÁDIO



Na receção ao FC Porto B na época transata, o FC Paços de Ferreira conquistou uma vitória por três bolas a zero. Welton Jr. e Costinha marcaram ainda na primeira parte, aos 14 e aos 32 minutos, respetivamente, e Aldair Neves, já na reta final, aos 86', fez o último golo da partida. Com este resultado, os Castores regressaram aos triunfos depois de um período de três jogos sem vencer (uma derrota e dois empates).

HISTÓRICO DE CONFRONTOS

4 jogos (desde 2018)

Vitórias

2

1

Golos

7

3

MAIOR VITÓRIA FCPF EM CASA



SOLVERDE.PT



LIGA PORTUGAL 2 **Meu Super**



ÚLTIMO JOGO DO PORTO B

Na décima jornada da Liga Portugal Meu Super, o FC Porto B recebeu o SCU Torreense, com quem dividiu os pontos em disputa. A fechar o primeiro quarto de hora do encontro, Ángel Alarcón foi o responsável por abrir o marcador, deixando a equipa da casa em vantagem. Mas foi ainda antes do intervalo que o conjunto de Torres Vedras conseguiu chegar à igualdade, por intermédio de Javi Vázquez, que aos 34 minutos estabeleceu o 1-1 - resultado que permaneceu inalterado até ao apito final. À hora do arranque oficial desta 11ª jornada, o FC Porto ocupa o lugar que dá acesso ao play-off de manutenção com oito pontos. Fora de portas, ainda não conseguiu vencer, e em casa tem apenas um triunfo, conquistado frente ao CD Mafra. Os «bês» azuis e brancos têm também o segundo ataque menos concretizador, com oito golos apontados.



SABE MAIS SOBRE...

Os últimos três golos do FC Porto B têm o mesmo autor: **ÁNGEL ALARCÓN**. O avançado espanhol, que assinou no verão pelos Dragões, operou a reviravolta diante do CD Mafra, marcando aos 81' e aos 90+1', e fez ainda o único tento «azul e branco» na jornada passada, contra o SCU Torreense.



SOLVERDE.PT

Sessão de Esclarecimento sobre o processo de criação da SAD



A Direção do FC Paços de Ferreira convidou os sócios do clube a estarem presentes numa Sessão de Esclarecimento sobre o processo de transformação da Sociedade Desportiva em Sociedade Anónima Desportiva (SAD). Esta sessão teve lugar no Auditório da Associação Empresarial de Paços de Ferreira, na última quarta-feira (6 de novembro). Paulo Meneses, presidente do emblema pacense, esclareceu os associados acerca daquilo que tem sido o desenrolar do processo desde junho, quando foi dado o aval, em Assembleia Geral, à criação da SAD.

De entre as informações transmitidas, nota para facto de que o período de exclusividade nas negociações entre as duas partes (clube e consórcio) terminou a 31 de outubro, tendo sido acordado um prolongamento por mais quinze dias. Se as questões ainda pendentes forem ultrapassadas, o negócio avançará; se não, os associados serão chamados a decidir os próximos passos.

Equipa feminina já conhece adversários da Taça AF Porto

A Taça AF Porto Feminina é a mais recente competição de futebol sénior da AF Porto, cumprindo, esta temporada, a primeira edição. Na competição que conta com equipas da Liga BPI, da II Divisão Nacional e da III Divisão Nacional, o FC Paços de Ferreira ficou inserido no Grupo B, juntamente com Valadares Gaia FC, FC São Romão, AD Marco 09 e Varzim SC.

Numa primeira fase, a prova será disputada em grupos (três de cinco e um de seis), em que todos jogam contra todos numa única volta. Posteriormente, uma segunda fase, já a eliminar, disputa-se entre o primeiro e o segundo classificados de cada grupo. Os quartos de final, meias-finais e final vão jogar-se a uma mão.

O arranque oficial da Taça AF Porto Feminina está agendado para o primeiro dia do mês de dezembro.



Antunes homenageado no dia de aniversário do concelho



No passado dia 6 de novembro, dia do 188º aniversário do concelho de Paços de Ferreira, a Câmara Municipal homenageou 50 personalidades e entidades das áreas da Economia, Educação, Saúde, Desporto, Cultura, Ambiente, Solidariedade e Forças de Segurança Pública que se tenham destacado pelo seu compromisso e pelo seu contributo para o engrandecimento e dignificação do concelho. O número 50 prende-se com o facto de este ano se celebrarem os 50 anos do 25 de abril.

Antunes, capitão do FC Paços de Ferreira e jogador internacional ao serviço da seleção portuguesa de futebol, foi, assim, um dos distinguidos com a Medalha de Mérito Municipal Grau Ouro. "Para mim é sempre um motivo de orgulho receber este tipo de homenagens da Câmara, do concelho, das nossas gentes. É um orgulho representar o concelho de Paços de Ferreira aqui e além fronteiras", afirmou.

Durante o seu discurso, Antunes deixou um agradecimento especial ao FC Paços de Ferreira, "um dos clubes mais especiais" da sua vida, não esquecendo todos os diretores, treinadores e colegas que com ele se cruzaram no seu percurso como atleta.

Dez anos de Castor



Encanta miúdos e graúdos, sejam eles adeptos do FC Paços de Ferreira ou não. O Castor está de parabéns, pois chegou à sua primeira década de existência no dia 2 de novembro.

A mascote do clube chegou à Mata Real em 2014 e, desde então, tem conquistado os fãs do desporto com a sua boa disposição e amabilidade - sem esquecer, por vezes, as suas simpáticas "travessuras" - nas várias iniciativas levadas a cabo pelo FC Paços de Ferreira.

SETE ÉPOCAS DE RAÇOS, SETE ÉPOCAS A MARCAR



franciscoj.dias
mobiliário

Na última jornada realizada no Estádio Capital do Móvel, Uilton fez aquilo que já tinha repetido nas seis temporadas anteriores: marcou. O extremo do FC Paços de Ferreira, que é hoje o atleta do plantel com mais anos consecutivos a defender o amarelo, recorda alguns dos momentos mais marcantes com a camisola pacense, desde a sua chegada, em 2018.

“É um grupo muito bom e eu acho que estamos a formar uma grande família aqui dentro, o que é muito importante”. Esta foi das suas primeiras declarações como jogador do FC Paços de Ferreira, recolhida para a segunda edição da FCPF Magazine. Decorria, então, o ano de 2018, e a temporada desportiva dava ainda os primeiros passos. Entretanto, seis anos se passaram, a família foi vendo mais membros a chegar e outros tantos a sair, mas nunca perdeu de vista um deles – Uilton é de quem se fala.

Agora a cumprir a sua sétima temporada ao serviço do emblema pacense, contabilizando mais de duas centenas de jogos a defender o amarelo, há uma coisa que é comum a todas elas: golos. Na última partida dos Castores em «casa», para a nona jornada da Liga Portugal Meu Super, Uilton saltou do banco para marcar e conseguir garantir pelo menos um ponto para as contas da equipa no campeonato. Ou seja, a sequência de temporadas a marcar desde que chegou à Capital do Móvel garantidamente já não chega ao fim em 2024/2025. “A sensação é muito boa. Quem não fica contente ao fazer golos? Fico muito feliz por estar a contribuir para o clube de alguma forma todos os anos, seja a marcar golos, seja a fazer outro tipo de função”, começa por dizer o extremo brasileiro.

Do golo apontado na sua estreia com a camisola do Paços, frente ao Académico de Viseu FC para a Taça da Liga 2018/2019, ao já mencionado golo feito ao FC Vizela no passado mês de outubro – num total de 15 –, há um que se destaca. Estávamos em fevereiro de 2020 e, na Mata Real, o FC Paços de Ferreira que ocupava os últimos lugares da tabela classificativa da Primeira Liga recebia o FC Famalicão, quinto classificado. “Esse foi um golo muito especial para mim. Estávamos a passar por um momento difícil e precisávamos de vencer jogos. O encontro com o Famalicão era difícil, eles tinham uma grande equipa, e lembro-me de ter entrado [aos 64 minutos], de ter mudado o jogo e de ter marcado um golo [aos 71’]. Acabamos por vencer por 2-1”, recorda. Um golo que, além de ter ajudado o grupo a somar três pontos, teve também um papel importante a nível individual: “Já há alguns jogos que eu não era convocado por opção técnica. Mas o que é certo é que continuei a trabalhar, firme, pois sabia que podia contribuir para a equipa quando voltasse a ter uma oportunidade. E essa oportunidade acabou por chegar e eu mostrei que tinha valor para poder ajudar o Paços. Foi um golo que me deixou muito feliz”.

Desde a sua chegada até hoje, Uilton reconhece que muita coisa mudou. Com os jogos e a experiência por eles também trazida, o extremo



pacense afirma que é agora um “jogador totalmente maduro e mais capacitado para lidar com certas situações”: “Se antes tivesse a cabeça que tenho agora, acho que cometeria menos erros. Mas também é isso que faz parte da vida – viver e aprender com os erros e com os acertos. E o Paços contribuiu muito para isso”. Do atual plantel, é ele o atleta que está há mais anos consecutivos no futebol profissional do FC Paços de Ferreira – e quem chega sabe disso. “Quando vêm novos atletas, conversam comigo para tentarem entender melhor o clube e eu tento ajudar nisso mesmo. Mostro o que é jogar à Paços, como é o nosso dia a dia e tento deixá-los tranquilos”, conta.

Com seis épocas volvidas e a sétima em andamento, há, claro, momentos que ficam para sempre. Escolheu três: “Colocaria a nossa subida de divisão em 2019, quando fomos campeões logo no meu primeiro ano. Foi uma época difícil, mas conseguimos chegar aos nossos objetivos e a festa com os nossos adeptos foi muito linda, e o mister Vítor Oliveira foi uma pessoa muito importante para mim, um amigo. O ano em que ficamos em quinto [2020/2021] também foi fantástico para todos. Fizemos grandes jogos, mesmo com o Benfica e o Porto. Tivemos a capacidade de bater de frente com eles, e foi uma época que me deixou realmente contente, não só pelo meu desempenho, como pelo desempenho de todo o grupo. Estávamos todos juntos a tentar dar o nosso melhor e a tentar alcançar grandes objetivos – e conseguimos. E outro foi o golo que marquei nessa época, também ao Famalicão, de fora da área. Esse marcou-me porque o dediquei ao meu pai, que tinha falecido em 2020. Homenageei-o assim”. Nota ainda para a sequência de 76 jogos seguidos que Uilton viu terminar na última jornada da temporada 2021/2022, depois de ter visto um quinto amarelo na ronda anterior, frente ao CD Santa Clara. “Fiquei de fora mesmo na última partida da temporada e perdi a sequência”, sorri.

Pelo Paços, há ainda grandes objetivos que quer cumprir. Mas há um que não deixa margem para dúvidas: “A minha vontade é que o Paços volte à primeira divisão. Temos trabalhado. Sei que não é fácil, mas também sei que não é impossível, e mais cedo ou mais tarde vamos estar lá. É questão de tempo – e espero que seja agora. Que eu possa fazer uma época muito boa e que possa contribuir, juntamente com todo o plantel, para alcançarmos os objetivos do clube e os nossos individuais também”. Um desejo partilhado por todos. Que se cumpra!



NorteCar
automóveis

TEMPO DE INTERVALO

Uma Sopa de Letras com os nomes das freguesias do concelho de Paços de Ferreira - que esta semana celebrou 188 anos - e dois Castores separados por seis diferenças.

Será que as vais conseguir encontrar?

C	A	R	V	A	L	H	O	S	A	C	Q	J	E	R	I	N
P	I	F	Z	S	T	J	T	Y	S	O	S	O	M	A	L	D
W	A	E	A	K	G	V	F	A	Z	E	C	R	H	V	U	G
S	W	Ç	G	R	Y	S	I	A	I	J	O	O	A	F	X	T
N	X	E	O	Z	R	W	B	R	N	P	D	F	N	J	V	J
I	C	W	D	S	P	E	I	S	B	O	E	I	B	H	D	H
F	V	O	E	N	D	Z	I	D	E	L	S	G	L	T	K	S
N	Z	A	D	P	U	E	A	G	O	I	S	U	H	I	Q	O
A	S	P	E	E	M	F	Z	A	E	O	E	S	N	F	L	
S	E	N	A	A	S	N	A	E	V	D	S	I	O	L	L	E
Z	R	T	P	X	D	S	A	E	R	L	A	R	N	I	O	D
G	O	W	O	D	A	N	O	M	R	R	T	Ó	M	A	U	O
D	A	K	Ã	P	W	Z	O	S	A	F	E	O	Z	X	O	M
F	R	W	Z	P	T	U	E	M	I	X	I	R	F	R	W	
P	T	E	A	Y	Z	J	R	F	I	O	I	R	W	A	M	
O	I	G	R	J	X	T	B	A	E	A	R	R	J	A	T	U
R	Y	W	F	R	Z	E	L	M	E	F	R	J	E	X	D	E



RECORDA O ÚLTIMO JOGO

JORNADA 10 LIGA PORTUGAL MEU SUPER | 02 NOV 2024 | ESTÁDIO MUNICIPAL ENG. MANUEL BRANCO TEIXEIRA

GD CHAVES 2-1 FC PAÇOS DE FERREIRA

(0-1) COSTINHA, (1-1) CARRAÇA, (2-1) DIEGÃO - AG



As duas equipas encontraram-se pela 40.ª vez em jogos oficiais



Face à jornada anterior, a entrada de Wilton no «onze» foi a única alteração



Paulic esteve em destaque no golo do Paços, ao conseguir isolar Costinha...

Em toda a parte a

DEFENDER O AMARELO!



...que rematou de forma certa para o fundo das redes

Este foi o primeiro golo do camisola 30 na presente temporada



Carraça, que apontou o golo do empate, foi o Homem do Jogo



PRÓXIMO JOGO

JORNADA 12 LIGA PORTUGAL MEU SUPER

TONDELA- PAÇOS

01 DEZEMBRO | 14:00H | ESTÁDIO JOÃO CARDOSO



PAÇOPRINT
artes gráficas

PaçoPrint
À sua marca gráfica

